

Funaro: Brasil precisa de dinheiro urgente.

Para conseguir, tenta apoio dos EUA em Washington.

O Brasil precisa de um refinanciamento de sua dívida externa no mais curto espaço de tempo possível. Ontem, em conversa com o presidente do Banco Central norte-americano, Paul Volcker, e o secretário do Tesouro, James Baker III, em Washington, o Brasil "iniciou" estes contatos. E pretende voltar a conversar com o governo norte-americano depois de passar pelas principais capitais européias. Isto foi tudo que a imprensa Brasileira e norte-americana (esta, presente em grande número) pôde apurar em entrevista coletiva com o ministro da Fazenda, Silfon Funaro, ontem à tarde, na sede da nossa embaixada em Washington.

Funaro permaneceu durante duas horas e meia em conversa com James Baker III. Preferiu, no entanto, repetir à imprensa suas teses de que a moratória era a única saída possível na atual situação e que se trata de "um ato de profissionalismo, muito bem pensado".

Embora os jornalistas insistissem em saber qual fora a reação

dos dois representantes do governo norte-americano para as propostas de Funaro, por quatro vezes o ministro repetiu que suas conversações resumiram-se em um primeiro contato. E "a estratégia é mostrar quem é o Brasil", ele acrescentou.

"Fala-se muito em crise interna no nosso país, mas não se trata disso. Não se trata de um problema interno da economia brasileira. Se o Brasil estivesse pedindo recursos no mercado para aumentar o seu consumo, ou se não estivesse tendo um superávit seria diferente, mas nós estamos buscando soluções definitivas para, inclusive, evitar que outros países em desenvolvimento passem pelo que nós estamos passando agora", afirmou Funaro.

Funaro parecia preocupado e quase se alterou quando um jornalista brasileiro afirmou que os comentaristas políticos norte-americanos estariam vendo a nossa moratória como uma estratégia eco-

nômica para resolver desajustes internos. Mas o ministro da Fazenda ficou mesmo alterado quando outro repórter lembrou que os jornalistas dos EUA definiram o Plano Cruzado como "incoerente e imprevisto": "Em primeiro lugar, dizer isso é desconhecer o que acontece no Brasil. Nós lutamos muito, no ano passado, por um plano estável. Procuramos retirar da sociedade o processo de indexação — que é um veneno para a economia. Este foi um dos planos mais fortes que já se aplicaram em uma nação. Dizer que o Plano Cruzado não corrigiu muita coisa é uma miopia".

Durante toda a entrevista, Funaro repetiu várias vezes pelo menos três declarações: 1 — O Plano Baker já dizia que o crescimento de alguns países passa necessariamente pela velocidade do financiamento que recebem, 2 — Os mecanismos de financiamento deveriam ser mais ágeis para que os países em desenvolvimento recebessem transferência ou financiamento de capital sem ter que esperar os seis meses, como já aconteceu com nações vizinhas; 3 — Não existe uma posição de confronto no caso da nossa moratória.

O ministro explicou ainda que o Brasil está fazendo o possível para encontrar uma saída. No entanto, disse que não está em cogitação uma possível volta ao Fundo Monetário Internacional. Por outro lado, ao responder a pergunta do JT so-



bre o documento divulgado ontem que mostra os possíveis riscos da moratória para o Brasil, Funaro afirmou: "Pelo que a senhora está dizendo, deve ser uma escalada de horrores. Mas temos de resolver o nosso problema. O Brasil não imprime dólares e tem de defender suas reservas. Em 82, as dificuldades para importar matérias-primas básicas foram muitas. Isto influi na estabilidade política do País, quando não se tem petróleo ou matéria-prima para medicamentos".

Apesar de seu atraso de duas horas, o ministro ainda se encontrou ontem com o vice-secretário de Departamento de Estado norte-americano, John Whitehead, e o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus. Hoje pela manhã, ele tem um encontro com o presidente do Banco Mundial, Barber Conable. Ainda hoje, no final da tarde, Funaro e sua equipe seguem para a Europa, onde deverão passar por Londres, Paris, Bonn, Dusseldorf, Zurique, voltando por Roma e Paris.

**Marielza Augelli,
de Washington.**